

Pixo Ação

Resumo: Ensaio fotográfico Pixo Ação foi realizado durante uma observação participante de um grupo de grafiteiros em São João del-Rei (MG), que realizou uma intervenção de urbanografia em um matadouro abandonado na cidade. As captações das imagens aconteceram durante uma investigação etnográfica que tinha por objetivo a compreensão dos processos de criação utilizados pelos indivíduos do grupo.

Palavras-chave: pixação, fotografia documental, antropologia visual, urbanografia, arte urbana

Pixo Ação

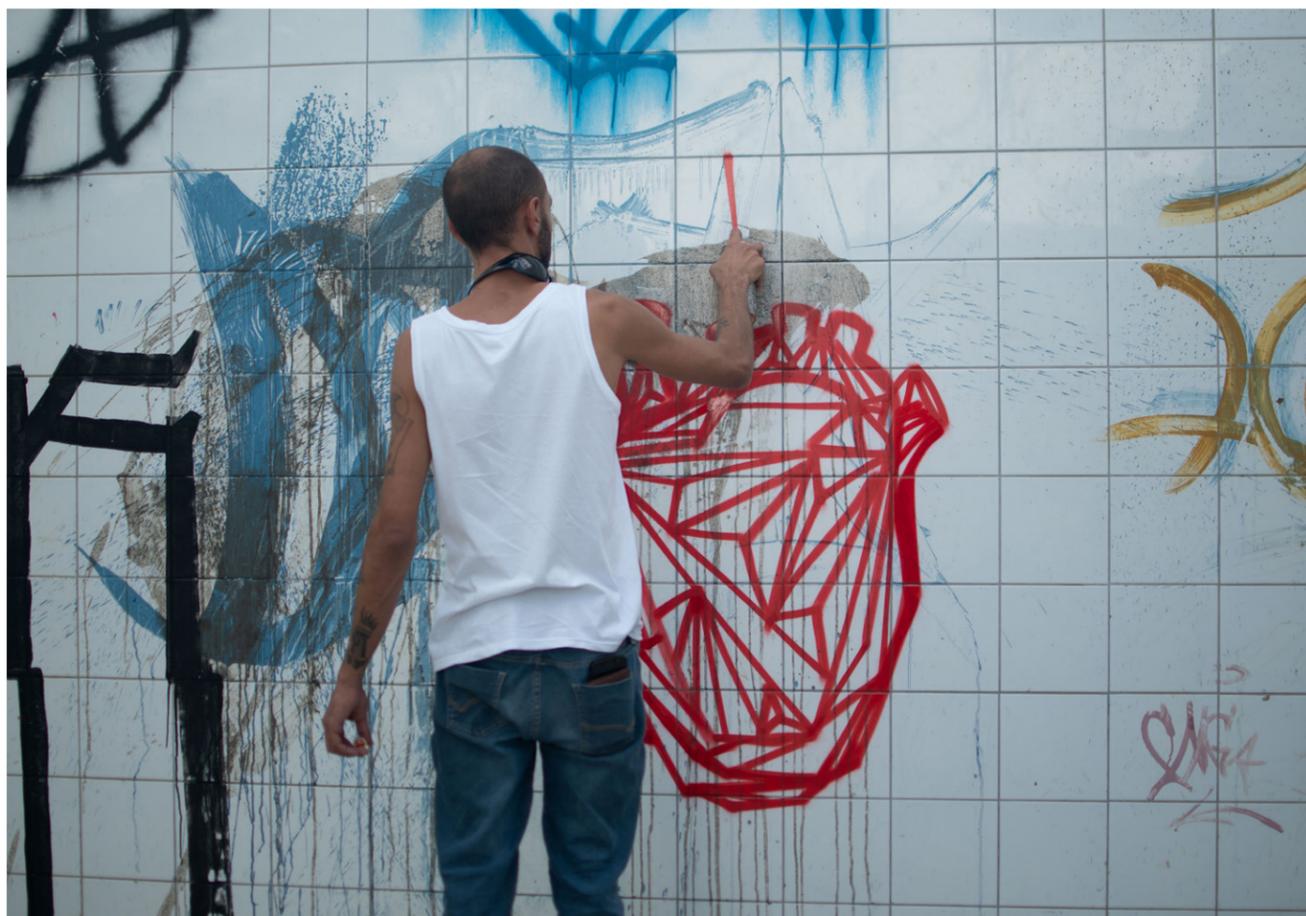
Abstract: *Photographic essay Pixo Ação was carried out during a participant observation of a group of graffiti artists in São João del-Rei (MG), who carried out an urbanography intervention in an abandoned slaughterhouse in the city. The capture of the images took place during an ethnographic investigation that aimed to understand the creative processes used by the individuals in the group.*

Key words: *pixação, documentary photography, visual anthropology, urbanography, urban art*



Este ensaio faz parte de uma breve análise etnográfica de observação participante (ANGROSINO, 2009) em uma ação realizada por um grupo de jovens grafiteiros¹ em um matadouro abandonado na região de São João del-Rei, em Minas Gerais. As fotografias foram feitas em 2019, em uma tarde de domingo com a finalidade de captar imagens fixas e em movimento de atos que envolvem a arte urbana na região da cidade.

As relações com os retratados vêm sendo construída ao longo de alguns anos, em que tenho me aproximando e conversando bastante com o Monge, um grafiteiro paulista que viveu em São João del-Rei até o final de 2019. No início a aproximação foi difícil, devido as desconfianças que existem no universo da urbanografia², porém após alguns encontros pessoais, algumas cervejas, bate papo e etc, o contato se tornou mais próximo, tanto que chegou a me apresentar para sua esposa e filha, na época recém-nascida.

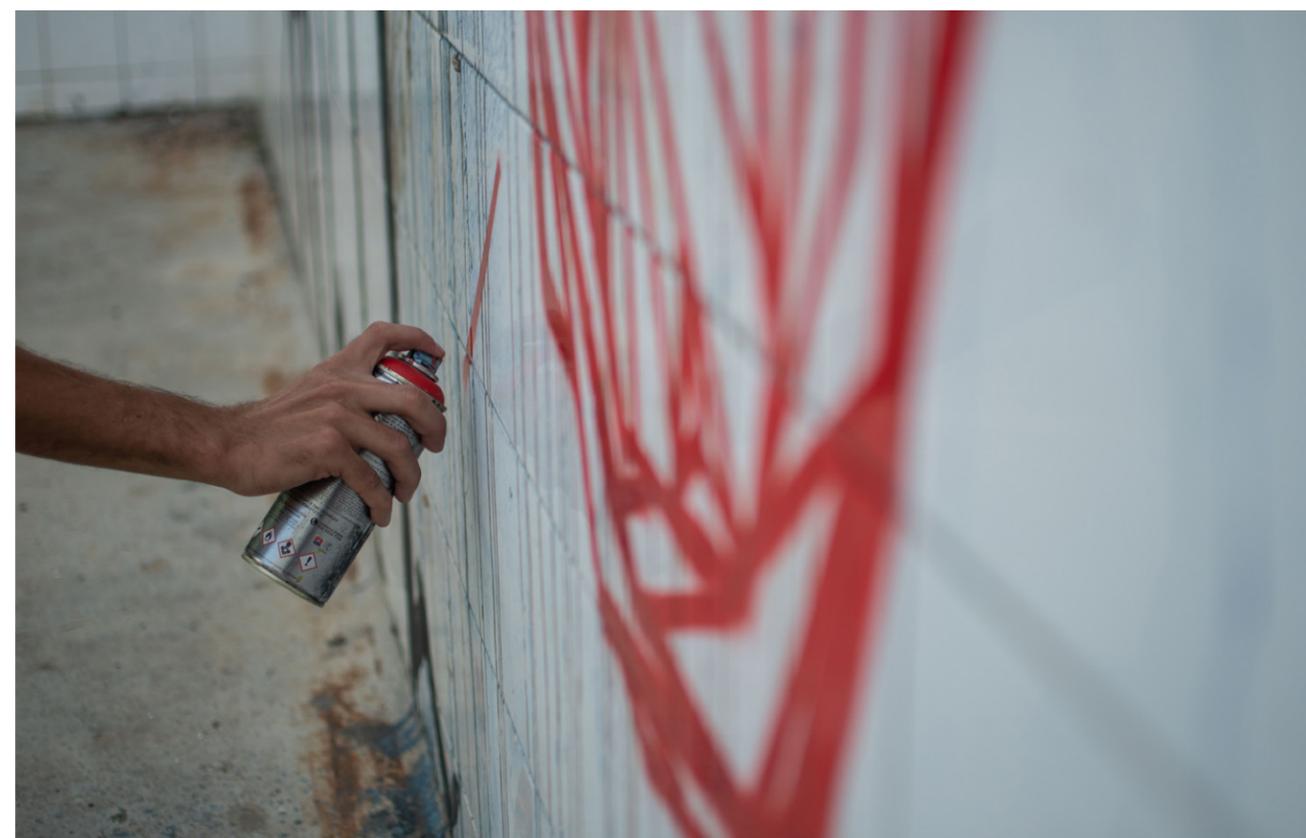


1 -Os chamo neste ensaio de grafiteiros, pois os mesmos se enxergam e se denominam como tais.

2- Um pouco deste universo é retratado no documentário Pixo, de João Wainer (2009), que com a colaboração do Cripta Djan, contou um pouco das relações existentes na pixação em São Paulo, O filme é um marco histórico sobre este formato de arte urbana.

Monge foi a porta de entrada para conhecer outros grafiteiros que atuam na região de São João del-Rei. Em uma tarde de domingo de maio de 2019 combinamos de fazer uma intervenção urbana em um matadouro abandonado às margens da estrada que liga São João del-Rei a Tiradentes, eu o iria acompanhar no intuito de realizar um ensaio fotográfico e para compreender um pouco dos processos de criação que envolvem as intervenções urbanas. Monge não tem carro e combinamos de encontrar em frente sua casa para irmos ao local da intervenção, para minha surpresa, ele convidara mais dois amigos grafiteiros.

Ao chegar no local, éramos cinco pessoas, minha namorada, que ficou na vigilância, caso aparecesse algum policial ou algo do tipo; os três grafiteiros; e eu no papel de fotógrafo e investigador, pois “é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos”. (PEIRANO, 2014, p. 379). O matadouro desativado é repleto de grafismos, frases, desenhos e também é utilizado como local para uso de drogas; ele tem várias salas, cômodos e um acesso ao segundo piso por uma escada com visual não muito confiável.





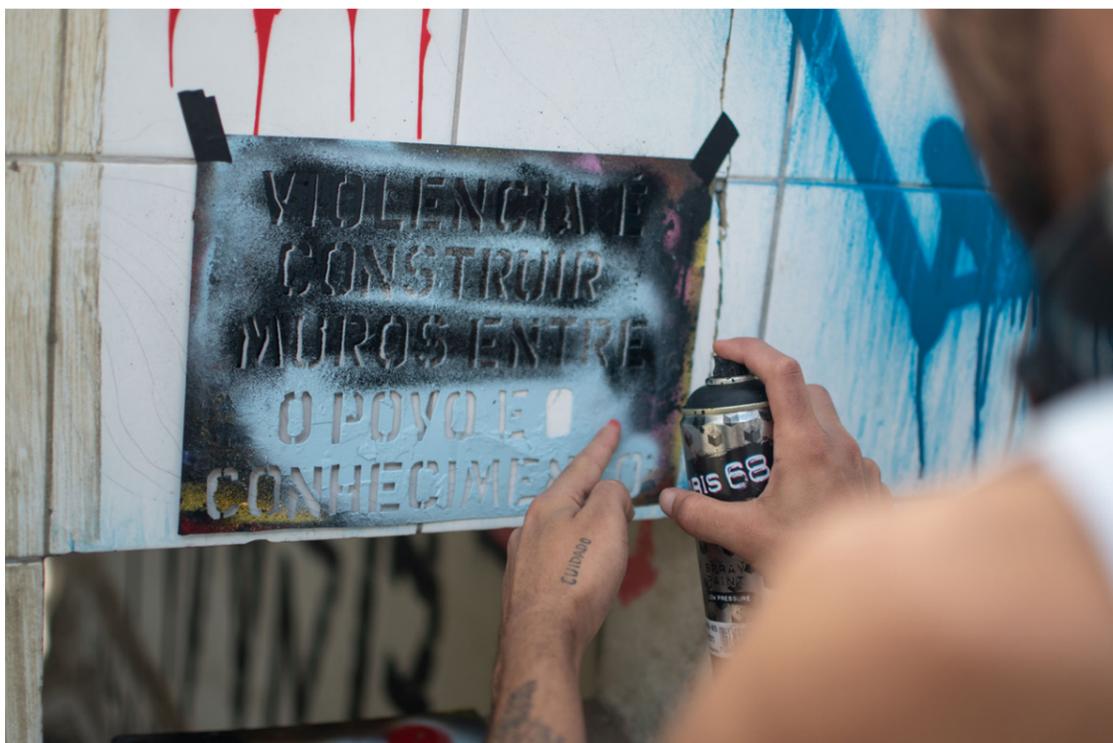
Neste segundo piso estavam três garotos batendo papo e aparentemente fumando maconha. Nos recepcionaram, pediram um isqueiro emprestado e até conversaram sobre pichação, um deles inclusive disse gostar muito dos desenhos, mas que as “tags” não o agrada muito. “Tags” são como assinatura que os grafiteiros e/ou grupos utilizam, principalmente na pichação. Após alguns minutos eles foram embora e ficamos somente nós cinco.

Ficamos cerca de uma hora e meia no matadouro, Monge fez um coração em uma das paredes, marca registrada do mesmo, um dos outros dois utilizou a técnica de estêncil para fazer algumas intervenções e o outro espalhou algumas “tags” pelo local. Essa experiência etnográfica foi o ponta pé inicial para a pesquisa em andamento no doutorado na Pós-Graduação em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de Minas, onde é analisado as relações sociais presentes nos processos criativos dos pixadores/pichadores³ e grafiteiros, e como são suas relações com o âmbito digital, tendo como uma das hipóteses que as redes sociais alimentam e retroalimentam seus processos criativos.



3 - Pixador é um indivíduo que utiliza uma estética de arte urbana paulistana, caracterizada de letras pontiagudas e feitas principalmente em prédios. Pichador por sua vez utiliza como estética a escrita de frases, geralmente com caráter político e poético.

O nome “Pixo Ação” foi escolhido devido a uma das pixações encontradas no matadouro, provavelmente a proposta de quem realizou a intervenção tem como objetivo provocar o transeunte para que reflita sobre o ato de ação que envolve o pixar, que também pode ser compreendido como um ato de resistência estética e política destes jovens.



Como instrumento metodológico, além de etnografia e observação participante, o ensaio “Pixo Ação”, acontece enquanto um olhar cidadão, em uma das operações de modo progressivo proposta por Armando Silva (2014), semiólogo colombiano. Enquanto obra artística o ensaio fotográfico traz elementos de fotografia de rua, fotografia urbana e documentário social, explorados por Juliet Hacking (2018) no livro “tudo sobre fotografia”. O fazer fotográfico, enquanto processo de criação na perspectiva de Fayga Ostrower (2010) e Susan Sontag (2014), enquadrando-o como um elemento presente do processo antropológico de análise de dados visuais (BANKS, 2009) e antropologia visual (MATHIAS, 2016).

Stoll

KO



Handwritten symbols in blue ink, including a large 'A', a 'V' shape, a square with a wavy bottom, a star-like symbol, another square with a wavy bottom, a 'T' shape, and a double 'X' shape.



Referências

ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Trad. José Fonseca. –Porto Alegre: Artmed, 2009

BANKS, Marcus. Dados visuais para pesquisa qualitativa. — Porto Alegre: Artmed, 2009.

HACKING, Juliet. Tudo sobre Fotografia. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

MATHIAS, Ronaldo. Antropologia Visual. São Paulo: Nova Alexandria, 2016.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processo de criação. 25 ed.- Petrópolis, Vozes, 2010.

PEIRANO, Mariza. "Etnografia não é método". Horizontes Antropológicos, ano 20, n. 42, p. 377–391, jul./dez. 2014.

Pixo. Direção: João Wainer; Roberto T Oliveira. Documentário (61 min). Brasil, 2009. Postado por TX NOW. 16 set 2014. Disponível em: <https://youtu.be/skGyFowTzew>. Acesso 26 mai 2021.

SILVA, Armando. Atmosferas urbanas: grafite, arte pública, nichos estéticos. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. — São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

SONTAG, Susan. Sobre Fotografia. Tradução Rubens Figueiredo. 1º ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2004